MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLV

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras nos anos de 2016 e 2017.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLV
Edição: Academia das Ciências de Lisboa
Impressão: Gráfica 99
Data de impressão: 2024
ISSN: 0378-116X
Depósito legal: 61370/92
DOI: https://doi.org/10.58164/y37r-ep57

Jesus Cristo: da Utopia à Eutopia

Joaquim Carreira das Neves†

A pessoa de Jesus continua a ser objeto de estudos académicos, seja de crentes judeus, sobretudo na América do Norte, seja de crentes cristãos, sobretudo entre católicos romanos, ortodoxos, luteranos e evangélicos.

O que me traz aqui, depois de muito tempo de ausência por motivos de saúde, é apresentar a doutrina fundamental de Jesus centrada no sintagma REINO DE DEUS. Toda a vida do Jesus histórico como pregador da Galileia, chamemos-lhe "profeta", "filósofo", "rabi", "sofista", "filho de Deus", gira à volta deste sintagma. O que se pergunta é se esta doutrina foi e continua a ser uma mera *utopia* ou, por outro lado, se foi e continua a ser uma *eutopia*.

Dizer "utopia" é dizer pregar uma doutrina *sem lugar,* isto é, impossível de realizar ou concretizar a nível religioso, político ou social. Imaginemos a pregação utópica do quinto império do P.e António Vieira ou a utopia de Thomas More[1]. Pregar a *eu-topia* é pregar uma doutrina para *melhorar o lugar,* a realidade da história. Foi isto, em meu entender, que fez Jesus.

Comecemos por apresentar, sumariamente, o terreno social, político e religioso do tempo de Jesus.

Primeiro, foi Sargão II, no século VIII a. C., que conquistou o Israel do Norte, depois foi Nabucodonosor, no séc. VI a. C. que conquistou o Israel do Sul e, a partir de então, os judeus passaram pelas mãos dos babilónios, persas, medos, e, finalmente, romanos. Logo, quando os ouvintes de Jesus o escutavam e ele lhes dizia que o Reino (Realeza, Reinado) de Deus acabava de chegar, muitos terão pensado numa libertação divina de teor apocalítico. Foi, aliás, o que pensaram os seus próprios discípulos, a começar por Pedro. Em Mateus 16, 21, Pedro responde à pergunta de Jesus: "Quem dizem vocês que eu sou?", "Tu és para nós o Messias". Jesus aceita a resposta, mas acrescenta que o seu messianismo passará pela morte, sofrimento e traição. Pedro não aceita e Jesus chama-lhe: Satanás: "Tu és para mim

[1] Edição portuguesa da Fundação Gulbenkian, 2006.

um estorvo porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens!" Podemos entender esta resposta de Jesus como profecia *ex eventu*, mas resume bem a realidade histórica do pregador histórico da Galileia. Nem João Batista, nem os familiares, nem os discípulos, nem o povo em geral entenderam o que Jesus queria dizer com o advento do Reino de Deus. A prova mais concludente consiste no medo e fuga dos discípulos aquando da prisão e morte de Jesus por crucifixão no lugar do Gólgota, que significa "caveira", reservado a bandidos, a zelotas judeus guerrilheiros que combateram a legião romana nos anos 66-70. A mãe dos discípulos, filhos de Zebedeu, pede a Jesus: "Ordena que estes dois meus filhos se sentem um à tua direita e o outro à tua esquerda no teu Reino (Mt 20, 21 e par.). Estes dois textos são paradigmáticos para ajuizarmos da política religiosa dos judeus daquele tempo. Lembremos, ainda, que os célebres textos de Qumran, descobertos em 1947, são bem claros quando nos falam das expectativas messiânicas, naquele sáculo II e I a. C., dum Messias real, davídico, conjuntamente com um Messias sacerdotal. A literatura qumrânica continua a ser estudada seriamente por académicos ocidentais e judeus de Israel e Estados Unidos. Todos concluem que o Messias das Escrituras Hebraicas, como das de Qumran, ainda não veio[2]. O último romance de Amos Oz, *Judas,* também apresenta, de maneira clara, embora com personagens fictícios, o assunto no judaísmo contemporâneo[3].

No tempo de Jesus, o mundo político-religioso estava enxameado de falsos messias. Basta ler Actos 5, 36-39 e o *Bellum Judaicum* de Flávio Josefo.

Chegamos, assim, ao nosso assunto com os pés bem assentes na sociologia circunstancial político-religiosa do tempo de Jesus.

Vou defender a tese de que Jesus pregou uma política de *eu-topia* baseada nas suas parábolas sobre o *Reino de Deus*. Parto do princípio que o Jesus histórico apresentou aos seus ouvintes uma alternativa aos sonhos messiânicos dos judeus do seu tempo baseados na expectativa do *malak Yaweh,* isto é, no reino final messiânico.

O tema central do Reino determinou todos os passos do Jesus histórico. O evangelho de Marcos, escrito pelo ano 70, é bem claro ao narrar: "Depois de João ter sido preso, Jesus foi para a Galileia, e proclamava o Evangelho de Deus,

[2] Collins, J. J., *The Scepter and the Star. Messianism in Light of the Dead Sea Scrolls,* William B. Eerdmans, Grand Rapids, 2010.

[3] Oz, A., *Judas,* Dom Quixote, 2016.

dizendo: "Completou-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho"" (Mc 1, 14-15; Mt 3, 21).

Todos os exegetas e historiadores concordam neste ponto[4].

Muitos autores do séc. XIX e XX falaram deste Reino como realidade apenas intimista ou a realizar, escatologicamente, num futuro de tempo indeterminado. Mas a verdade é que os evangelhos nos apresentam a realização concreta e histórica deste Reino a começar com a própria história de Jesus. O que fora prometido *em esperança* pela teologia judaica estava a realizar-se historicamente.

Lemos em Mt 11, 28: "Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demónios, então chegou até vós o Reino de Deus." (par. Lc 11, 20). O verbo grego *ephthasen* significa "chegar" com o sentido de "antecipar", "preceder". Em Lc 17, 20-21, o assunto tem este desenvolvimento: "Interrogado pelos fariseus sobre quando chegaria o Reino de Deus, Jesus respondeu-lhes: "O Reino de Deus não vem de maneira ostensiva. Ninguém poderá afirmar: "Ei-lo aqui" ou "Ei-lo ali", pois o Reino de Deus está entre vós"."

O Reino de Deus é, então, um processo histórico em ação, e não apenas um sentimento intimista de fé em Jesus Cristo. A vinda do Reino de Deus exige transformação, renovação, conversão interior para se derramar em realidade dum mundo melhor, o da *eu-dokia.*

É histórico que o imperador Tibério reina em Roma, o rei Antipas reina na Galileia e Pilatos representa o império romano em Jerusalém. É histórico que o Templo e o Sinédrio, fariseus e saduceus, desempenham o seu papel no monoteísmo judaico. O Reino de Deus pregado por Jesus é, então, um *tertium* que vem substituir os dois outros mandatos? Apenas podemos responder, a partir das parábolas autênticas de Jesus, que a semente do Reino foi lançada à terra como algo de "presente".

Antes de apresentarmos as parábolas do Reino, devemos perguntar em que consiste uma parábola e quantas terá pronunciado Jesus.

Uma parábola é uma pequena história de tipo simbólico e metafórico que reclama atenção e respeito. O parabolista serve-se deste género literário para apresentar o seu programa de vida. É um programa a receber, livremente, que

[4] Meier, J. P., *A Marginal Jew,* Doubleday, New York, Vol. II, pp. 237-288, 1994; Crossan, J. D., *The Birth of Christianity*, Harper San Francisco, pp. 239-292, 1998; Sanders, E. P., *Jesus and Judaism,* Philadelphia, Fortres Press, pp. 61-122, 1985; Hengel,M., Schwemer & A. M. *Jesus und das Judentum,* Mohr Siebeck, Tuninga, 2007.

obriga ao discernimento e escrutínio sobre o sentido da parábola.

Os autores mais significativos, que estudaram, de maneira exaustiva, as parábolas de Jesus, divergem quanto ao número. Adolf Jülicher fala de 53; C. H. Dodd, de 32; Joachim Jeremias, de 41; Bernard Brandon Scott, de 29; Jam Lambrecht, de 42; R. Alan Kelpertter, de 49; John Dominic Crossan, de 65. Todos estes autores partem do princípio de que todas as parábolas saíram da boca do Jesus histórico. O que lhes interessa é o estudo da parábola em si, o seu conteúdo, estilo, estética, subversão de mensagem relacionada com a cultura judaica e política de então.

Esta posição é posta em causa com o estudo de John P. Meier, de 2016, ao longo de 441 páginas. Trata-se do seu quinto volume sobre *A Marginal Jew*[5].

Este autor começa por apresentar os cinco critérios clássicos para discernir sobre o Jesus histórico e o Jesus da fé e da Igreja: 1) critério do embaraço; 2) critério da descontinuidade; 3) critério do múltiplo testemunho; 4) critério da coerência; 5) critério da rejeição e execução de Jesus.

Aplicados às parábolas, J. P. Meier conclui que há apenas quatro parábolas que obedecem a estes critérios: a parábola do semeador (Mc 4, 30-32; Mt 13, 31-32; Lc 13, 18-19), a parábola dos vinhateiros homicidas (Mc 12, 1-11; Mt 21, 33-43; Lc 20, 9-18), a parábola do grande banquete (Mt 22, 2-14; Lc 14,16-24), a parábola dos talentos (Mt 25, 14-30; Lc 19, 11-27).

O autor não nega que Jesus tenha proferido muitas mais parábolas. A tradição do Jesus parabólico é importante porque a cultura de então residia mais na transmissão oral do que na escrita. De facto, Jesus nunca escreveu nada nem mandou escrever. Não possuímos nenhuma *biografia* de Jesus. O que chegou até nós, nos sinóticos, é sempre resultado de tradições ao longo de uns cinquenta anos, desde o ano 30 ao ano 90. Não possuímos outras fontes literárias, exceto o quarto evangelho, bem diferente dos sinóticos já que não apresenta uma única parábola, mas apenas *sinais*.

O mundo literário das parábolas pertence ao mundo literário semita dos *machalim* que engloba os *ditos, provérbios, parábolas, alegorias*. Sem dúvida que a parábola dos vinhateiros homicidas (Mc 12, 1-12 e par.)

Alberga uma alegoria dentro de si: a vinha significa Israel, o dono da vinha

[5] Yale University Press, New Haven & London, 2016.

é Deus, os vinhateiros maus são os judeus descrentes e Jerusalém como tal; os servos enviados pelo dono da vinha são os profetas, uns, maltratados e, outros, mortos, o filho único é Jesus, sua morte violenta e fora da vinha é a crucifixão, o castigo divino é a destruição de Jerusalém; a referência ao Salmo 117, 22-23 (LXX), é o anúncio da ressurreição.

Regressemos, então, às principais parábolas do Jesus histórico, sobre o Reino de Deus, para tirar algumas ilações sobre a sua *eutopia.*

Fixemo-nos no evangelho de Marcos, o primeiro a ser escrito, pelo ano 70, com as suas cinco parábolas aglomeradas no cap. IV:

A parábola do *semeador* (Mc 4, 1-9; Mt 13, 1-9; Lc 8, 4-8). "Escutai: o semeador saiu a semear. Enquanto semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho e vieram as aves e comeram-na. Outra caiu em terrenos pedregosos, onde não havia muita terra e logo brotou, por não ter profundidade de terra; mas, quando o Sol se ergueu, foi queimada e, por não ter terra, secou. Outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram, sufocaram-na, e não deu fruto. Outra caiu em terra boa e, crescendo e vicejando, deu fruto e produziu trinta, a sessenta e a cem por um." E dizia: "Quem tem ouvidos para ouvir, oiça."

A parábola da lâmpada (Mc. 4, 21-23 e par; Mt 5, 15; 10, 26 e Lc 8, 16-17): "Disse-lhes ainda: "Põe-se, porventura, a candeia debaixo do alqueire ou debaixo da cama? Não é para ser colocada no candelabro? ( )."

A parábola da medida (Mc 4, 24-25 e par; Mt 7, 2; 13, 12 e Lc 8, 18): "Tomai sentido no que ouvis. Com a medida que empregardes para medir é que sereis medidos, e ainda vos será acrescentado. Pois àquele que tem, será dado; e ao que não tem, mesmo aquilo que tem lhe será tirado."

A parábola do grão que germina (Mc 4, 26-29): "O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Quer esteja a dormir, quer se levante, de noite e de dia, a semente germina e cresce, sem ele saber como.

A terra produz por si, primeiro o aule, depois a espiga e, finalmente, o trigo perfeito na espiga. E, quando o fruto amadurece, logo ele lhe mete a foice, porque chegou o tempo da ceifa."

A parábola do grão de mostarda (Mc 4, 30-32; e par. Mt 13, 31-32; Lc 13, 18-19): "Com que havemos de comparar o Reino de Deus? Ou com qual parábola o representaremos?

É como um grão de mostarda que, ao ser deitado à terra, é a mais pequena

de todas as sementes que existem; mas, uma vez semeado, cresce, transforma-se na maior de todas as plantas do horto e estende tanto os ramos, que as aves do céu se podem abrigar à sua sombra."

No evangelho de Mateus deparamo-nos com três parábolas *exclusivas* deste evangelho.

A parábola do trigo e do joio (13, 24-3): "O Reino do Céu é comparável a um homem que semeou boa semente no seu campo. Ora, enquanto os seus homens dormiam, veio o inimigo, semeou joio no meio do trigo e afastou-se. Quando a haste cresceu e deu fruto, apareceu também o joio." Os servos pediram ao dono para arrancar o joio, mas dono disse-lhes: "Não, para que não suceda que, ao apanhardes o joio, arranqueis o trigo ao mesmo tempo. Deixai um e outro crescer juntos, até à ceifa; e, na altura da ceifa, direi aos ceifeiros: Apanhai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; e recolhei o trigo no meu celeiro."

A parábola do tesouro e da pérola (13, 44-46): "O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê--lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo.

O Reino do Céu é também semelhante a um negociante que busca boas pérolas. Tendo encontrado uma pérola de grande valor, vende tudo quanto possui e compra a pérola."

A parábola da rede (13, 41-50). "O Reino do Céu é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, apanha toda a espécie de peixes", uns bons e outros maus.

Finalmente, Mateus e Lucas, com exceção de Marcos, apresentam-nos ainda a parábola do fermento (Mt 13, 31-32 e par; Lc 13, 20-21): "O Reino do Céu é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que tudo fique fermentado."

A conclusão a tirar de todas estas parábolas é que o Reino de Deus começa por ser um anúncio e uma pessoa: um anúncio duma nova mensagem semeada no campo de Israel, como semente lançada à terra, aparentemente insignificante (grão de mostarda), caída em terrenos bons e maus (semeador), que cresce como joio e trigo no mesmo campo (o joio e o trigo), pertence ao tempo de Deus, Senhor do dia e da noite (o grão que germina). O narrador é Jesus, Senhor do novo campo de Israel, agora sem fronteiras geográficas, dogmáticas, litúrgicas, rituais, aberto, portanto, a judeus e não judeus, marginalizados, pobres e ricos, doentes, cobradores de impostos, pecadores, simples e humildes de coração. Não se trata de um

reino geográfico e político — o reino político de Israel sob a alçada do reino-império político romano. Não se trata de território, mas de "terreno humano". Não se trata de realeza ou de governo político de Deus, mas de "realeza divina" a governar os corações dos homens e da humanidade, e sempre em liberdade. Jesus não impõe, apenas propõe. Não se trata, portanto, de hegemonia de Deus, mas de conversão ao bem maior de Deus, onde reside a pérola e o tesouro. Esta *eutopia* vem dos céus e não do egoísmo da terra com os seus nacionalismos e imperialismos defendidos por legiões de soldados e legiões de leis e mandamentos religiosos. Mas também não se trata de uma *utopia* sem tempo, lugar, espaço, mundo político e religioso. É fermento na massa, luz na escuridão da casa, perdão no meio do pecado, amor no meio das dissensões, revelação transcendente no imanente fechado e sombrio, um mundo novo em ação, presente a sempre a vir (*há yolam habah*), escatologia realizada e a realizar, herança de vida eterna (Mc 10, 17) que habita nos que são como crianças (Mc 10, 14), nos pobres em espírito.

Trata-se do Reino de Deus como objeto de oração ao Pai: "Venha a nós o vosso Reino). E, deste modo, transforma-se, por metonímia, no novo povo de Deus. Um reino sem povo é um reino vazio. O povo deste Reino de Deus, pregado por Jesus, recebe um dom e deve tomar, livremente, a sua decisão que o prende ao Reino. Assim sendo, este Reino é dom e decisão, graça e ação, sinal sagrado e sacramento. O sonho dos profetas, especialmente do Daniel apocalítico ou dos homens de Qumran, torna-se, finalmente, realidade sempre em tensão entre o sim e o ainda-não.

A nossa ignorância conceptual é enorme perante as afirmações constantes de Jesus sobre a realidade divina do Reino de Deus. Este Reino vive dentro do povo de Deus em todas as igrejas que acreditam nele, mas supera-as a todas.

Termino com a parábola alegórica dos vinhateiros homicidas (Mc 12, 1-12 e par), que todos os estudiosos reconhecem como saída da boca do Jesus histórico, pelo menos no seu centro vital, nos vv. 1-8.

Se o dono da vinha é Deus, se a vinha é Israel, se os vinhateiros trataram mal os profetas enviados por Deus, se o Filho único é Jesus, o narrador, apresentado desta maneira: "Já só lhe restava um filho muito amado. Enviou-o por último, pensando: "Hão de respeitar o meu filho". Mas aqueles vinhateiros disseram uns aos outros: "Este é o herdeiro. Vamos matá-lo e a herança será nossa. Apoderaram-se dele, mataram-no e lançaram-no fora da vinha.", devemos concluir que

não se trata duma parábola alegórica criada pelos evangelistas para explicar a morte de Jesus como realidade *ex eventu.* A parábola é uma profecia histórica do Jesus histórico. E se é assim, só resta concluir que estamos diante duma *cristoteologia.* Jesus tem um Pai que o enviou à sua vinha, ao seu Reino, ao seu povo, que o não aceitou. Jesus tinha, pois, uma autoconsciência bem nítida de ser quem era, seja em relação ao Pai, seja em relação ao seu povo. A sua *eu-topia* reverte por completo a ideia do AT sobre o Deus de Israel, o monoteísmo clássico, as expectativas messiânicas. Jesus e a sua *eu-topia* constitui o grande *paradoxo* da história.

(Comunicação apresentada à classe de letras
na sessão de 13 de outubro de 2016)